

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

A ESCRITA COMO PROCESSO TERAPÊUTICO - RELAÇÃO ENTRE INCONSCIENTE E IDEOLOGIA

Leda Verdiani Tfouni (USP)

Pretendo, nesta exposição, apresentar argumentos que apontam para uma relação entre escrita e controle da deriva. Para tanto, irei articular conceitos advindos da Análise do Discurso pêcheutiana e da psicanálise lacaniana. Segundo Mariani (n/p), ... *quando falamos marcam-se, simultaneamente, traços do registro inconsciente e do assujeitamento ideológico. O sujeito, no entanto, não se percebe nesse dizer; preso a essa rede de significantes que o constituiu. Aí se dá a interpelação ideológica que, de acordo com Pêcheux, pode resultar em três diferentes processos: o sujeito pode identificar-se, contra-identificar-se ou desidentificar-se com sentidos que lhe foram impostos. A interpelação ideológica – vinculada à entrada do sujeito nas injunções sócio-histórico-culturais de seu tempo – está assim enlaçada ao funcionamento do significante, mas essa interpelação é falha, não é totalmente bem sucedida.* Analisando um texto “escrito” coletivamente por pacientes internos de um hospital psiquiátrico, mobilizarei os conceitos citados para ilustrar que, no processo de produção do texto, ocorrem deslizamentos nos quais fica indiciado o efeito terapêutico da escrita - que se manifesta por um desligamento do passado e uma reparação no presente (através do discurso e da organização da escrita), das memórias e recordações que causam sofrimento. Percebe-se aí como o discurso da escrita (aquele onde há enlaces, ou amarrações, que impedem a deriva) propicia a emergência da subjetividade, possibilitando que a verdade do sujeito (seu sintoma) se entre-mostre. É a ideologia que se encarrega de fornecer ao sujeito os objetos substitutivos, que em vão iriam preencher o vazio do real. Na sociedade capitalista atual, o desejo se realiza através da fórmula do desmentido fetichista: se o desejo é desejo puro e não pode ser preenchido por nada, então a tarefa de preencher esse desejo com algo é ideológica, marcada pelo Capital que impõe produtos (objetos) a desejar (consumir). Isto se realiza, de acordo com Zizek e Lukacs, por uma fórmula fetichista, visto que quando o sujeito nomeia o desejo, finge acreditar que os objetos nomeados constituem a sua verdade, e estão, portanto, obturando seu desejo (seu sintoma). Esse ato, no entanto, não pode ser

realizado de maneira aleatória, nem segundo a vontade do sujeito, visto que o fornecedor de significantes é o Outro, ou seja, a própria estrutura da linguagem. No entanto, esta é também faltosa, fraturada e incompleta; em consequência é preciso buscar o sentido naquilo que falha: na *lalingua*, portanto no equívoco, nos lugares onde o sujeito tropeça e falha, lugares esses que atestam a presença de um real, que não pode ser dito nem recoberto em sua totalidade. Segue-se daí que o desejo nunca é satisfeito plenamente, visto que a pulsão nunca cessa de não se inscrever, o que leva o sujeito a perceber-se dividido, sem conseguir fazer UM. Deste modo, ele continua a desejar um objeto ilusoriamente perdido e que é trazido a todo o momento no discurso. Temos assim um sujeito que se move aparecendo entre significantes no discurso, um discurso marcado pela presença/ausência de um objeto que não existe senão por ilusão, por criação discursiva. No equívoco, no duplo sentido, na homonímia, nos atos falhos, encontramos lugares privilegiados de análise, de onde podemos observar a língua incompleta funcionando a partir de uma fala desejante, e, portanto, também marcada pela falta, e também o sentido a todo o momento pronto a se desfazer. Ao reconhecer tais equívocos, aquilo que da língua faz furo no real, é que se reconhecerá a própria mola de funcionamento do inconsciente, e, em última instância, a dinâmica de produção dos sentidos.